

Buraco no Rio

um conto de Diego Aguiar Vieira

(aluno do 5º período de Comunicação Social da Universidade Candido Mendes - Friburgo)

Essa é uma história real.

Em algum lugar,

que algumas vezes,

até pode ser aqui.

Estava uma boa manhã para se chapinhar na água.

* * *

O buraco era pequeno. Mas grande o bastante para que uma menina de oito anos pudesse passar.

Naturalmente, ele não foi usado apenas uma vez. Tampouco, era a menina, a única a fazer uso do mesmo.

E as coisas não acabaram, quando as rodas atreladas de um trator vermelho, selaram a entrada, no final da década de noventa.

* * *

A mãe iria atrasar o almoço, enquanto tentava convencer o pai bêbado a tomar um banho. Provavelmente, resultaria num momento doloroso de violência verbal, seguido de sexo nem um pouco romântico. Aí, o pai estaria calmo o suficiente para almoçar, sem que se queixasse de coisas tolas, como o hábito da filha de comer de boca aberta, ou até mesmo de cantar à mesa. Coisas tolas, que igualmente poderiam terminar em violência.

Aplacada a ira do pai, a mãe chamaria a garota de volta.

Mas, enquanto isso, era bom que a pequena fizesse algo para se distrair. E ela faria o que mais gostava.

Do quintal até o rio, não eram necessários, cem passos, e o mais perigoso dessa viagem, era atravessar uma estrada pela qual, passavam no máximo três carros por dia. E não estavam na hora do rancho.

Sentar-se à beira do rio, correr de um lado para o outro, subir na mangueira que havia por ali e até nadar, eram ótimas e divertidas atividades. Quando se estava com outras crianças.

Mas a garota estava sozinha ali. Embora sentar-se à beira do rio, fosse-lhe uma atividade extremamente prazerosa (visto que era de uma inteligência e contemplatividade incomuns para sua idade), não lhe era tão relaxante fazê-lo sozinha. Correr de um lado para o outro, também se mostrava como uma ação um tanto quanto idiota, quando sozinha. Afinal, quem ela pegaria?

Não era época de mangas, e em verdade, sempre tivera um pouco de receio, quanto a cair da árvore.

E nadar não era seu forte, embora, tivesse de admitir que estava muito quente para julho. E foi isso que a fez tirar as roupas, dobrá-las cuidadosamente e colocá-las numa reentrância. Não era agradável quando algum traquinas lhe roubava as roupas. Da última vez, acabará ficando marcada pela cinta do pai, por uma semana.

Então, entrou na água, apenas de calcinha. Um pouco grande, de elásticos folgados, é verdade. Mas bonitinha, e deveria durar ainda mais um ano.

Não houve coelhos apressados ou portas sem chaves que não dessem pra lugar algum. Houve apenas o buraco. Um tropeção, um escorregão, ou um mergulho desajeitado. Não importa realmente.

A garota caiu no buraco.

Ao sair do quarto, ainda ajeitando a calcinha sob a saia, limpando o sêmen que começava a secar entre as coxas, e torcendo para que o arroz não tivesse queimado, a mãe se pôs a gritar pela filha. Não era um grito desesperado, mas costumava ser auto e eficiente o bastante, pra que a menina, do rio, em meio aos gritos das outras crianças, pudesse ouvir e corresse pra casa, sem nem mesmo se preocupar em olhar para os lados, quando atravessasse a estrada.

Naquele dia, o grito não surtiu efeito. A menina não veio.

* * *

Nada realmente extraordinário. A garota sobreviveu mais de quinze minutos imersa num buraco dentro de um rio em movimento.

A mãe nem havia saído pra procurar, quando um homem a cavalo passou e viu um brilho intenso sob a água. Achou que fosse um relógio. Era a garota.

Saiu de lá, apenas com um ligeiro mal estar, e no colo do homem que a salvara, vomitou. Estava recomposta.

O pai chamava pro almoço.

Os pais, claro, não perceberam quando a menina começou a falar sozinha. Tampouco notavam suas excursões noturnas à margem do rio.

Ela parecia esperar que algo saísse dali, embora muitas vezes, também fosse vista em estranhas companhias.

* * *

Da primeira vez em que caíra no buraco, a menina apenas assustou-se quando foi salva do outro lado. O homem de cavanhaque lhe saudou sorridente, e lhe perguntou onde estavam seus pais. Ela apontou pro outro lado da estrada, mas não havia nada lá.

O homem sorriu de forma embaraçada e lhe perguntou o que fazia dentro do rio.

Nadando, oras!, foi a resposta que recebeu.

E quem seriam seus pais?

O Tião da Cooperativa e Madalena.

Certamente, ele não conhecia a mãe da menina. E havia Tiões demais na Cooperativa, pra que uma identificação imediata fosse feita. E ela morava lá, do outro lado da estrada?

Absolutamente.

Mas só há mato, ali.

A casinha era por ali. Quase não havia mato. Tem mato demais. Não tinha tanto mato, há dois minutos.

O homem de cavanhaque foi interrompido. Era uma bonita senhora, com olhos de tigre. Acho que a mocinha devia voltar, querido; foram as palavras da mulher.

Pelo...?

Pelo rio.

Então, disse o homem para a garota, que examinava com curiosidade a situação em que se metera desde que saíra do rio, acho que você deveria voltar por ali.

Mas, emendou a mulher, volte quando quiser.

Está com medo?

De quê?, perguntou a garota.

Do rio.

Eu não tenho medo de sonhos, moço.

E ela mergulhou de volta.

Foi quando o homem a cavalo lhe salvou. E como agradecimento, recebeu uma golfada no peito. Também foi quando ela passou a viver entre os dois mundos...

E a porta foi aberta...

* * *

... Para um terceiro mundo.

Isso aconteceu em julho.

Não era algo que realmente pudesse incomodar alguém. Em ambos os mundos, as pessoas viam a menina com certa inocência, e até algum incentivo para sua grande imaginação. Não havia recalques ou mesmo castigos para as imagens que a menina dizia ver.

Ambos os mundos julgavam-se reais, e com exceção da menina e da mulher de olhos de tigre e seu marido, parecia que ninguém mais notava aquela co-existência.

As cidades eram bem parecidas, com alguma diferença na geografia e nas pessoas que viviam por ali. Embora, muitas das pessoas se repetissem, suas qualidades eram bem diferentes de uma cidade pra outra. Enquanto aqui, um homem era um mendigo, ali era um dono de bar. Outros alternavam funções de donos de postos de gasolina e pobretões mal-encarados que nunca saíam de suas casas.

Macuco e Pouso Alegre. Assim eram chamadas as cidades.

A menina era originalmente de Pouso Alegre, embora começasse a desconfiar que também

pertencesse a Macuco.

Nunca mais estive com a mulher de olhos de tigre, tampouco com seu marido. Mas vez ou outra ainda via coisas que eram certamente estranhas. Por mais de uma vez, sentiu-se observada por um estranho homem de casaco comprido, chapéu e guarda-chuva. Mesmo no calor de outubro, ela podia ver o homem com aquelas roupas.

Também havia um interessante garotinho que andava saltando, usando uma máscara branca, que lhe cobria completamente a face, de forma que por mais de uma vez, ela pensou que ele seria atropelado, já que certamente, não podia ver nada com aquela máscara.

* * *

No meio de Macuco e Pouso Alegre, estava Santa Amena.

Mas não havia nada de santo naquela cidade. Era parcialmente parecida com as outras duas.

Mas não havia hierarquia social que sobrevivesse ali, tampouco homem varão que não tivesse de gritar por socorro quando sozinho.

No último ano, um dos monstros que habitavam Santa Amena havia conseguido transpor os limites que os separavam das outras cidades, e penetrou em Macuco. Ele fora auxiliado pelo medo e pela crença da população local, de que havia um lobisomem no lugar. Felizmente, a cidade se transformou em um circo, e não era ele o palhaço a se apresentar no palco.

Acabou sendo expulso por uma outra lenda local, e um guarda foi posto para vigiar as entradas.

O monstro voltou, mas não sem antes garantir que o guarda seria manchado com o seu sangue. Com tal mancha, o guarda passou a ser o lobisomem. Abandonou o guarda chuva e o chapéu que lhe haviam sido presenteados e foi embora.

Mas já era tarde, o monstro já havia ido mais longe que qualquer outro poderia ter ido. Enfiou uma vara tão fundo na veia da cidade, que provocou um buraco.

Depois de furar o céu, o monstro alcançou o inferno. Acabou unindo Macuco e Pouso Alegre.

Foi quando a menina caiu.

* * *

O monstro havia preparado tudo. Era dezembro, véspera de natal. O sol estava pronto para ser engolido pela lua.

O processo era bem simples.

Durante a noite, sentada sozinha à margem do rio, a garota pensava no que lhe havia acontecido.

Ela via dois mundos diferentes, e realmente não lhe era totalmente compreensível, porque apenas ela podia fazer aquilo. Ela ainda mergulhou no buraco outras vezes, mas agora não havia muitas diferenças. Não havia mais mulheres de olhos de tigre, apenas eventuais crianças cegas e de cabelos brancos ou homens cabeludos de guarda-chuva e chapéu.

Sempre que mergulhava, não parecia mais sair do outro lado. E aquilo começava a lhe soar desagradável, se em Pouso Alegre já lhe tomavam como louca, em Macuco se achava que ela fosse órfã!

O pai havia saído pra pescar. Era o que sempre dizia, mas ela e a mãe (e toda a cidade) sabiam que ele ia buscar sua outra família (uma mulher mais jovem, com um ventre bom, que poderia lhe dar outros filhos) em Euclidelândia. Em pleno Natal!

A pequena não chorava, era verdade, mesmo quando via pela fresta da parede, a crueldade com que o pai penetrava a mãe (certa vez, até lhe queimou as mãos com cera de vela), ou quando lhe sobrava a surra, e tinha de ceder ante a cinta do pai, ela agüentava e não deixava que seus olhos ficassem úmidos.

Mas isso não significa que ela não sentisse medo. Quando viu o rio secar em sua frente, e em seu lugar surgir um líquido avolumado e grosso (com um gosto metálico!), acentuou a menina, após experimentar) em seu lugar, ela assustou-se.

* * *

Todos os anos, naquele exato ponto onde o buraco estava, antes do mesmo ser inadvertidamente fechado (o que fez com que as feras despertassem ansiosas e famintas), passou a ser realizado anualmente, durante o ano novo (nas duas cidades), um ritual de macumba, que conjeturou-se não havia propósito algum bem definido.

Incorro aqui, na informação de que durante boa parte de sua vida, minha avó forneceu sua energia nesses rituais. Porém, tendo a mesma morrido mais de vinte anos de meu nascimento, me foge a memória, a forma como tomei conhecimento de tais eventos.

* * *

O plano do monstro era unir as duas realidades, e ele quase conseguiu.

A menina (para a qual, os monstros de Santa Amena eram invisíveis), seria a conexão ideal. Mas havia algo errado. Não podiam conectar Macuco. Por alguma razão, os sete anos que ainda faltavam para o fim da década, mais os três que já haviam passado, estavam sendo condensados em doze curtos meses. O evento com o lobisomem repetia-se e transformava-se assustadoramente.

O monstro porém, conseguiu pegar Pouso Alegre.

* * *

A menina não conseguiu entender plenamente o que se passava, e provavelmente nunca entenderia.

Mas entendeu. A mulher com olhos de tigre a encontrou, caída na margem do rio, a alimentou e explicou.

Quando caiu no rio de sangue, a menina o contaminou, porém, inevitavelmente, seria sugada para Santa Amena. Não havia o que se fazer.

Mas a população ainda podia ser salva. O plano do rio que inundaria a cidade, trazendo em barcos feitos de ossos, os monstros de Santa Amena, poderia ser sabotado.

Aproveitando o momento pelo qual a cidade de Macuco passava, a mulher de olhos de tigre fez um pacto com as nuvens, e pediu que chovesse tanto em Santa Amena, que o tempo tivesse de parar por um ano. Em Pouso Alegre, as pessoas saíam as ruas para festejar o natal, e viram o céu que chovia sangue. Voltaram para suas casas e choraram. Suas lágrimas correram juntas e caíram sobre o rio. Em Macuco, ainda não era natal. Mas as lágrimas de seus concidadãos foram sentidas, e o cheiro de sangue se fez chegar a seus lares. Na primeira trovoada, uma melancolia profunda fez com que todos chorassem.

Foi a primeira vez que as cidades se uniram. Aqueles de Macuco que tinham seus reflexos em Pouso Alegre tornaram-se um só. Pouso Alegre passou a ser passado, um nome quase esquecido de Macuco.

Os poucos que não tinham reflexos foram aprisionados e condenados a viver entre os monstros de Santa Amena. Entre eles, estava a mãe da garota.

A garota passou a viver entre os mundos. Invisível. Não envelheceria.

* * *

Aqueles que saíram para pescar ou ver suas amantes encontraram uma Pouso Alegre vazia, na manhã de natal.